

Universidade Estadual de Campinas Faculdade
de Educação

Simone Franco

Percursos de formação
Influências do trabalho como professora e das relações
afetivas vividas neste percurso

Campinas
2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas Faculdade
de Educação

Simone Franco

Percursos de formação

Influências do trabalho como professora e das relações
afetivas vividas neste percurso

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Faculdade de Educação da UNICAMP, para
término do Curso de Especialização A pesquisa e
a tecnologia na formação docente, sob orientação
do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

Campinas
2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	ICC
	F848p
V:	EX:
Tombo:	4819
PROC.:	134/10
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	477116

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Franco, Simone
F848p Percursos de formação: influências do trabalho como professora e das
relações afetivas vividas neste percurso / Simone Franco. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2009.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Autobiografia. 2. Formação docente. 3. História de vida . I. Prado,
Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

09-336-BFE

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, - Dona Cecília - a primeira grande mulher em minha vida, que certamente contribuiu para muito de quem sou hoje.

Agradeço também a duas mulheres, professoras e grandes amigas, Lourdinha e Mafê, que foram e são seres humanos necessários no percurso de professora traçado por mim até aqui.

Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós.

Jorge Larrosa - (1999, p.22)

RESUMO

O presente trabalho pretende contar o percurso de vida traçado por mim, considerando elementos de minha infância, da formação profissional anterior ao ser professora, da minha formação como professora da Escolinha Branca – Emef. Padre José Narciso Vieira Ehrenberg no Jardim São Marcos. Busco apresentar as influências que o trabalho como professora e as relações afetivas vividas neste percurso, formaram e transformaram a professora que sou hoje.

SUMÁRIO

Primeiras Palavras-----	09
Percursos de Formação-----	11
Lembranças infantis, experiências escolares, marcas, família...-----	11
Formação acadêmica, formação em serviço: meu eu profissional-----	21
A Escolinha Branca-----	23
Palavras Recolhidas-----	45
Palavras Consultadas (Referências bibliográficas)-----	49

Primeiras Palavras

Durante o percurso de formação que vivi até aqui enquanto professora, estive sempre em busca de conhecimentos que pudessem me auxiliar a responder as diferentes dúvidas e conflitos que o trabalho docente proporciona.

Ingressar em um curso de especialização promovido pela Unicamp veio de encontro a uma vontade que até então não havia conseguido colocar em prática, continuar minha formação acadêmica dentro da universidade.

Sempre gostei muito de estudar, de ler, de aprender.

As diferentes disciplinas que conheci através do curso, sem dúvida abriram novas possibilidades de estudo e de olhar para meu trabalho na escola de maneiras outras, quer seja através, da pesquisa, da tecnologia e fundamentalmente através das palavras.

No semestre passado tive a oportunidade de percorrer as ruínas de minha biblioteca, retomar em minhas memórias as experiências de infância, de estudante e de profissional.

Particularmente para eu recolher estas lembranças e transformá-las em palavras, em narrativas, foi uma oportunidade valiosa de sentir as mudanças que meu olhar de professora sofreu ao longo destes anos de atuação profissional.

Hesitei muito para definir o melhor tema para desenvolver ao longo deste trabalho de conclusão de curso, afinal muitas questões e tantos conflitos ainda aparecem em meu cotidiano profissional.

Optei por deixar neste trabalho as imagens captadas e as palavras da memória falarem do percurso de minha formação deste a infância, passando pelos bancos escolares, pelas diferentes experiências profissionais fora da educação e por fim a experiência de 9 anos na rede pública municipal de Campinas, enquanto professora.

Pretendo ao final deste percurso narrativo recolher as palavras que mais falam por mim e que, portanto influenciaram diretamente a minha formação, transformação na professora que sou hoje.

Com licença poética

Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade da alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.



Percurso de formação

Lembranças infantis, experiências escolares, marcas, família...

Para falar de lembranças infantis, acho necessário começar esta história antes do meu nascimento.

Nasci em um bairro de Campinas atualmente considerado de alto nível, mas na época em que meu avô construiu sua primeira e única casa era um lugar onde não haviam ruas asfaltadas, não existia transporte público e o que mais se via eram pastagens, criações de animais, boiadas de passagem e pouquíssimos moradores.

Meu avô – pai de minha mãe – foi o segundo marido de minha vó. Tiveram quatro filhos mais dois que minha vó trouxe do primeiro casamento, já que naquele momento estava viúva.

Minha mãe, meus tios e meus avós viveram no bairro Castelo – naquele tempo chamado apenas de Bonfim - com muita dificuldade. Meu avô sempre doente, minha vó lavando roupa pra fora e minhas tias e minha mãe trabalhando em casa de família desde os seis anos de idade. Por esse motivo minha mãe estudou até a 4ª. Série primária.

Sinto muito pela impossibilidade de minha mãe ter concluído seus estudos. Ela é uma pessoa naturalmente curiosa, está sempre lendo revistas sobre saúde, ouve noticiários no rádio e está sempre dando sua opinião indignada a respeito de algum assunto. No entanto, o fato de não ter estudado acabou dando um valor maior à necessidade de sua filha estudar e concluir seus estudos. Percebo que sua realização está em me ver tendo êxito nesta área.

Ouçó até hoje histórias da dificuldade que era ter carne a mesa, e suas refeições se resumiam geralmente a arroz, feijão e banana.

Nasci no dia 25 de março de 1973, e quando cheguei nesta família as coisas haviam melhorado um pouco. Meu tio e tias já estavam casados. Uma de minhas tias inclusive voltou a estudar após o casamento e tornou-se professora e minha avó agora doente dependia de minha mãe para muitas atividades rotineiras.

Morávamos no fundo da casa de meus avós e antes que eu completasse três anos meu avô morreu. Tenho pouquíssimas memórias da minha convivência com ele, apenas fotos dele me segurando no colo e sorrindo. Um sorriso singelo e amoroso, características opostas às narradas por minha família que o descrevem como uma pessoa preconceituosa e autoritária.



Foto tirada por meu pai em 1973

Meu avô resistiu ao casamento de minhas tias, pois se casaram com homens negros e ligados ao espiritismo. Na vez de minha mãe – embora meu pai tenha descendência negra, mas por minha mãe se casar na igreja católica e acredito também por estar cansado de lutar em vão, sua resistência foi nula.

Como não conheço nada da história de vida de meu avô, como era sua família, se estudou, onde trabalhava antes de adoecer ou com que tipo de influências conviveu, penso que o preconceito ou a intransigência em aceitar as diferenças era uma qualidade que eu não admiraria muito nele, mas que conhecendo a história de nossa sociedade, é possível entender como este tipo de (pré-) conceito foi se naturalizando, embora existam alguns que digam o contrário, acredito que permaneça até hoje.

Convivi desde pequena com pessoas de diferentes etnias, religiões e cultura, acredito que por ter crescido assim, pude desenvolver um entendimento sobre as diferenças entre as pessoas, aceitando e respeitando as escolhas que fazem ou quem são. Infelizmente meu avô não teve essa oportunidade ou quem sabe nem gostaria de ter tido.

Segundo Pino (mimeo), “...são as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo”. (p.131).

Bem, assim pude nascer. Minha infância foi muito feliz. Meu pai sempre trabalhou muito, mas me lembro que naquele tempo conseguíamos almoçar em algum restaurante todo domingo. Meu pai tinha uma peruca e com muita dificuldade colocávamos minha vó dentro dela e passávamos o domingo passeando.



Foto tirada por minha mãe por volta de 1978

O quintal da frente de nossa casa era um jardim de margaridas e por um bom tempo eu fui do tamanho delas, se mostrando pra mim mais como uma floresta de margaridas do que um jardim.

Aos poucos minha avó foi adoecendo mais e nossas saídas ficaram mais difíceis. Nesse tempo lembro que minha mãe sempre me deixava na casa de uma das tias – a que se tornou professora – e agora que não viajava mais com meus pais para Poços de Caldas (ver foto e poema abaixo), ia sempre com ela e sua família para a praia. A primeira vez que consegui ver o mar junto de minha mãe foi em julho de 1997 e com meu pai nunca tive esse privilégio, já que partilhamos da mesma paixão pelo mar, acho isso uma tristeza.

Minhas lembranças são mais vividas na casa de minha tia, onde pude ter meu primeiro e único cachorro, o Toquinho. Onde ouvia minha prima tocar violão. Sentava no colo de meu tio para vê-lo tocar piano. Passeava muito com minha tia para todo canto, ela costumava dizer que eu era a filhinha caçula.

Minha mãe sempre as voltas com mil cuidados com minha avó não tinha tempo pra nenhum tipo de lazer. Sempre brinquei com ela que a música da Amélia havia sido feita pra ela. Nasceu para zelar por todos que precisam dela, sempre se deixando de lado e fazendo isso com amor, sem queixas, resignada mesmo. Algo que até hoje me incomoda um pouco.

Nunca achei muito justo só minha mãe se doar por completo para cuidar de minha avó. Já que eram quatro filhos, todos deveriam colaborar. Mas eles acreditavam que já que minha mãe não trabalhava (o que não é verdade, porque o trabalho que tinha em casa era demasiado cansativo) teria que cuidar de minha avó. Penso que é uma dádiva ser filha única, porque

quando meus pais precisarem de cuidados dependerão apenas de mim e eu não ficarei na ilusão de esperar ajuda de alguém.

Bem... continuando... Quando criança estudava em uma escolinha infantil do bairro chamada Gatolândia (é engraçado mesmo, já imaginou uma cidade de gatos, cheia de criancinhas... kkk), mas então começamos a passar por algumas dificuldades financeiras. Meu pai volta e meia estava mudando de emprego ou procurando por um e não era possível mais pagar uma escola particular. Por minha tia ser professora do Colégio Batista, estudei lá da 1ª. até a 3ª. Série com bolsa de estudos, o que me proporcionou novamente grandes possibilidades de conhecer.

A escola nos levava ao teatro, cinema, passeios em zoológicos fora de Campinas, festas, tudo aquilo que não podia fazer com meus pais, a escola e minha tia me proporcionaram. E agora se consigo encontrar criatividade e poesia nas coisas que faço, penso ou escrevo, percebo que tantas foram as influências positivas que vivi em minha infância.

Penso em minhas crianças que muitas vezes dependem apenas da escola para viver experiências, que hoje são tão naturais para mim, como ir ao cinema, ao teatro, mas que para elas se não proporcionado pela escola, não terão a possibilidade de construir vivências tão fundamentais para a sua formação. Recorrendo a Freinet (1991, p.28 e 29):

“... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso”.

Minha mãe mesmo tem uma vontade guardada desde criança. Andar de Maria Fumaça. Ela me lembra freqüentemente que um dia precisaremos ir e eu sempre adiando por falta de tempo ou mesmo de organização de minha parte.

No ano passado tive a oportunidade de levar minha turma de primeiro ano para fazer este passeio, infelizmente minha mãe não pode ir junto, mas me recordo que para as crianças foi uma experiência única. Cheios de perguntas, com os olhinhos arregalados, descobrindo cada novidade dentro de fora do vagão. Até hoje alguns deles se lembram deste nosso passeio com muita saudade.

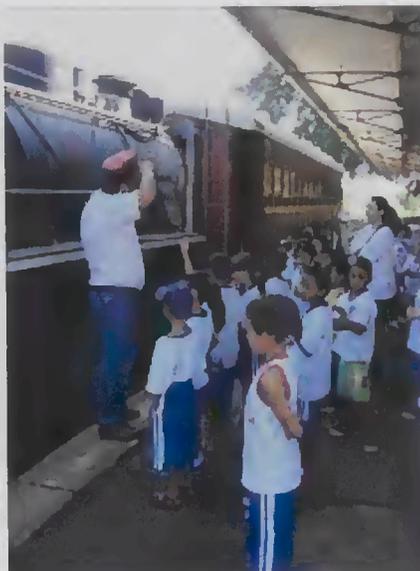


Foto tirada pela Professora Maria Fernanda

A criança que fui vivia entre adultos – Simone Franco

A mais nova entre primas 10 anos mais velhas.

Filha única e diletta.

Boa menina, não brigava, não xingava, não batia.

Poucas são as memórias de infância,
mas dentre estas as mais alegres.

Que até hoje quando vem a minha mente me fazem sorrir.

Mamãe na beira da cama lendo histórias.

Colo da vó que contava histórias de verdade.

Menina sentada no chão olhando pro céu e inventando histórias.

- Por que o prédio se mexe e eu fico aqui parada?

Que medo! Ele pode cair na minha cabeça...

Tentativa de papai a me ensinar a nadar.

Não aprendi até hoje.

Passeios ao supermercado com a tia professora,

As contas tinham que ser feitas de cabeça.

Cumprimentos e agradecimentos em inglês.

Tia professora, eu pensava.

- Nunca vou ser professora.

Os passeios à praia com a mesma tia.

Viagens a Poços de Caldas com papai e mamãe.

Que legal, equilibrar no tijolo pra fazer de conta que papai me carregava com uma só mão.



Foto tirada por fotógrafo da Represa Bortolan em Poços de Caldas por volta de 1978

Dormir com minhas primas e acordar embaixo da cama.

No dia seguinte ouvir ao violão uma prima que virava herói e que tinha um cavalo que falava inglês. Quanta história!!!

Foi uma época de princesa realmente.

Não tive grandes dificuldades

Não aprontei muitas birutices.

Mas cresci, filha de mãe, pai, avó, tia, primas, histórias, músicas e mágica. Feliz. A criança?!

Ainda está aqui. E a leveza destas palavras, faz com que ela cresça e apareça.

Quem sabe agora cheia de histórias pra contar.

Sinto que fui privilegiada, porque mesmo muitas vezes dependendo da bondade de outros, tive a possibilidade de estudar, passear, conhecer, aprender, coisas que se vivesse sempre em casa com meus pais não poderia, pois estavam sempre envolvidos com cuidados com minha vó ou necessidades financeiras. Algumas vezes dependemos de cestas básicas doadas por minha outra tia, para termos o que comer, mas isso só vim, a saber, muito tempo depois, minha infância sempre foi preservada por minha super mãe.

No começo da 3ª. Série, meu pai foi transferido para Curitiba e eu e minha mãe fomos atrás. Minha vó ficou com uma de minhas tias.

O bairro que morávamos se chamava Água Verde.

O ano letivo já havia começado, então cheguei à escola com a classe já enturmada e a menina nova caindo de pára-quedas. Mas a adaptação foi tranquila. A cidade era linda e as pessoas eram amigáveis, em pouco tempo já havia feito novos amigos. Adorava tudo lá.

A caminhada até a escola com minha mãe era uma viagem por um mundo totalmente diferente do que conhecia até então, colhíamos pinhas do chão, passávamos ao lado de um terreno cheio de plantas cristalizadas pelo orvalho frio da cidade, encontrava os colegas pelo caminho, mães e crianças iam conversando até os portões da grande escola.

A primeira tarefa do dia, na escola em Curitiba – o Colégio Guaíra, era cantar o hino nacional, postados em fileiras por série, aguardando as professoras se postarem a frente de cada turma e o comando inicial dado pela diretora. Não me lembro o que pensava disso na época, como no poema, sempre fui boa menina, dada a poucas contestações. Acho que isso tem mais haver com a idade, do que com a personalidade, não sei. Era muito nova ainda para entender tudo o que se passava a minha volta.

Depois do hino, subíamos a escadaria de madeira escura, grandes pilares, sobriedade. A altivez do colégio de Curitiba não lembrava em nada o Batista, incrustado no centro de Campinas, em meio ao trânsito intenso, a movimentação de pessoas e ladeado por tantos outros edifícios.

Em Curitiba havia um bairro destinado totalmente ao lazer, era e acho que ainda é chamado de Santa Felicidade. E o nome fazia jus ao lugar. Restaurantes maravilhosos, grandes áreas verdes para jogar bola, correr e brincar, pistas para andar de bicicleta sem a possibilidade de sermos atropelados. Voltei a viver momentos felizes ao lado de meus pais, algo que não fazíamos há muito tempo.

Diz o dito popular: “Tudo que é bom dura pouco”.

Dito e feito, por volta de novembro minhas tias já não davam mais conta de cuidar de minha vó e de meu tio mais velho – filho do seu primeiro casamento. Ligaram pra minha mãe e pediram socorro.

Como mencionei anteriormente, resignada que só, deixamos meu pai em Curitiba e voltamos para Campinas. Como estávamos em novembro a escola permitiu que eu fizesse as últimas provas antes dos demais alunos para poder chegar a Campinas com a possibilidade de ir para a 4ª. Série no ano seguinte.

Ingressei então em uma escola pública, Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Dom João Nery”, no bairro Bonfim, a poucas quadras da casa onde estávamos morando agora, já que a casa de meus avós estava alugada e não podíamos voltar para lá.

Estudei nesta escola até a 8ª. Série e posso dizer que as lembranças escolares neste período foram muito boas. Dom Nery era conhecida naquela época, como uma das melhores escolas estaduais de Campinas e creio que isso acontecia mais pelo fato dos professores serem muito envolvidos com seu trabalho do que com a infra-estrutura do colégio. Nem biblioteca ativa existia.

Meu professor de português nos levava para dentro da pequena sala dos livros, amontoados em algumas prateleiras e em caixas pelo chão, não havia bibliotecário e nenhuma organização, mesmo assim ele nos incentivava a procurar por livros que nos interessasse.

Nas aulas de ciências as poucas experiências que fazíamos eram graças à iniciativa da professora que trazia seus equipamentos de casa. Não me lembro do seu nome, apenas lembro que a chamávamos de Bolinha, por ser bem rechonchuda.

As aulas de artes com o professor Dirceu se tornavam deliciosas pelo estímulo que ele promovia nos levando a construir um jogo de xadrez com sucata e a nos ensinar as regras do jogo.

Nas aulas de História com a professora Lilian era uma decoreba só, datas, nomes, locais, fatos históricos, tudo deveria ser bem memorizado, para em seguida realizar a avaliação através de um questionário com cerca de 10 ou 15 questões. Eu sempre me saía muito bem, mas hoje percebo que precisaria ter aprendido mais que fatos históricos memorizados, deveria ter entendido melhor as relações entre estes diferentes fatos, contextualizados no tempo, no espaço e na sociedade em que aconteceram.

Mas aonde eu mais me encontrava era nas aulas de educação física, aprendia regras de diferentes esportes e participava ativamente de campeonatos dentro e fora da escola.



Foto tirada por volta de 1986 – Time de handebol da EEPSP Dom João Nery
Local: Colégio Bento Quirino – Campeonato de colégios estaduais

Concomitante ao estudo regular já me preparava para o mercado de trabalho, aulas de datilografia e computação realizadas em instituições que proporcionavam o aprendizado gratuito aos alunos menos favorecidos.

Quando comecei a pensar na continuidade dos meus estudos pensei logo em fazer uma escola técnica, pois a necessidade de trabalhar, ganhar dinheiro e ajudar em casa era grande.

Escolhi na época uma área que acreditava ser mais lucrativa e na qual imaginei que seria mais feliz profissionalmente.

Após alguns vestibulinhos, entrei no curso de processamento de dados da Fundação Bradesco. Só poderia mesmo cursar uma escola pública, já que minha família novamente estava envolvida com problemas financeiros. Aos 14 anos comecei a trabalhar como secretária na empresa de uma de minhas primas. Empresa envolvida com produção de vídeos e locação de equipamentos. Neste momento trabalhava o dia inteiro e freqüentava o curso noturno na Fundação.

Esta escolha foi uma total decepção, mas que só fui perceber no terceiro e último ano do curso quando tive que começar a fazer o estágio na área. Consegui passar nos testes para uma das pouquíssimas vagas da empresa que pertencia a Fundação e ficava na mesma fazenda da escola, muito bonita e bem estruturada na região de Campinas.

Como não tenho o hábito de desistir de projetos no meio do caminho, terminei o colegial, terminei o estágio e arrumei um emprego que pudesse me ajudar a pagar um cursinho para conseguir ingressar em uma universidade pública, já que ainda não poderia pagar uma universidade particular.

Sem conhecer muito bem cada curso da universidade, sem saber ao certo que profissional poderia me tornar, agora acreditando que a afinidade com o curso é mais importante que o dinheiro que poderia conseguir com ele, optei por fazer Ciências Sociais.

Freqüentei cursos pré-vestibulares durante dois semestres, em dois anos seguidos. No primeiro ano cursava as aulas durante a noite, pois trabalhava o dia inteiro. Somente concorria a vagas na Unicamp, pois não poderia morar fora. Fui aprovada na primeira fase e reprovada na segunda. No ano seguinte, consegui um emprego de meio período, pois queria estudar de manhã e ter mais tempo para os estudos extraclasse, no entanto, não consegui passar nem na primeira fase.

Em minha terceira tentativa já não queria e nem podia pagar um cursinho, resolvi mudar minha opção na universidade para um curso noturno, pois também já não poderia mais deixar de trabalhar para apenas estudar e das opções disponíveis a que me parecia mais próxima de minhas habilidades era Pedagogia. Naquele ano não peguei nos livros, já estava completamente desmotivada por não conseguir atingir este sonho e então prestei a Puccamp, pois imaginava que lá eu passaria com mais facilidade e que depois tentaria uma bolsa de estudos.

Fui aprovada na Pucc, ufa... afinal iria fazer uma faculdade.

Foi muito engraçado, no dia em que divulgariam o resultado da Unicamp, nem me preocupei em comprar o jornal, tinha certeza que não passaria, afinal nos anos anteriores havia estudado muito e não conseguido nada.

Uma amiga do meu trabalho me ligou me dando parabéns pela conquista, eu incrédula como só, comecei a dizer que esse tipo de brincadeira não tinha a menor graça, que ela sabia o quanto eu sonhava em entrar na faculdade e ainda mais em uma pública, que ela sabia o quanto eu havia sofrido em anos anteriores e que por isso não podia fazer isso comigo. Ela simplesmente me respondeu, eu vou levar o jornal pra você.

Tenho ele guardado até hoje, com um grifo em meu nome.



Sábado, 5 de fevereiro de 1994

Renata Amaral Soares (29)	Silvio R. Bernardes Da Silva Filho (33)
Renata Biagi Garcia (06)	Silvio Tsukuda (14)
Renata Callipo Fujii (20)	Simone Aparecida Camara Tecchio (0)
Renata Cristina Nunciato (20)	Simone Battibugli (45)
Renata De Almeida Marccondes (15)	Simone Berger (13)
Renata Deuse Siqueira (26)	Simone Cardoso Diniz (09)
Renata Hitomi Fukutaki (13)	Simone Cristina Camargo (38)
Renata Iara Colombo (45)	Simone Cristina Orpheu (15)
Renata Igarasi Viana (46)	Simone Cunha Bezuluk (36)
Renata Marchetti Rocha (21)	Simone Franco (38)
Renata Mendes Reis (46)	Simone Hildebrand Pascoal (05)
Renata More (16)	Simone Ogoshi (15)
Renata Negreiros (21)	Simone Ushirobira (23)
Renata Roschel Pereira De Souza (44)	Sinthia Marumi Yukita (06)
Renata Roseghini (06)	Soemi Aparecida Pucci Cordeiro (33)
Renato Cleber Rodrigues (40)	Sofia Julia Alves Macedo (12)
Renato Evangelista Xavier (42)	Sonia Bannwart Santos (42)

Às vezes acredito seriamente que os caminhos que trilhamos, por mais difíceis, felizes ou incompreensíveis que sejam, tem um propósito e acabam por nos levar para algum lugar, mas não um lugar qualquer, o nosso lugar, aquele ao qual pertencemos. Acho que sempre fui um pouco professora, nos estudos em grupos com meus colegas do ginásio, nas escritas ao lado de minha mãe que não pode estudar como eu, na vontade incessante de saber e aprender cada vez mais... Sou professora, adoro ser professora, sofro por ser professora, mas no momento não consigo me ver em outro lugar...

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 1996, p.46)

Formação acadêmica, formação em serviço: Meu Eu profissional

Ingressei na Unicamp no curso de Pedagogia noturno em 1994.

Durante a maior parte de minha graduação trabalhei meio período na Prefeitura de Campinas como atendente do serviço 156 – Prefeitura e você.

Trabalhava das 7hs às 13hs com 15 minutos de descanso, e tinha toda a tarde livre para me dedicar aos estudos e tentar participar o mais ativamente da vida acadêmica que acabará de conquistar.

Acreditava que aquela oportunidade era única e que o tempo que pudesse estar lá, deveria ser aproveitado da melhor maneira possível, fiz de tudo um pouco: cursei uma disciplina de introdução ao teatro no Instituto de Artes (IA), três semestres de francês no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), outras disciplinas na área de administração e supervisão escolar ao final do curso que permitiram que eu me formasse com todas as habilitações possíveis, participei da empresa Junior da pedagogia e me envolvi com movimentos estudantis como o centro acadêmico de pedagogia (CAP) e grupos de estudos e pesquisa, como o GEPEC - Grupo de estudos e pesquisas em educação continuada em sua primeira formação.

Atualmente as alunas da pedagogia da Unicamp não precisam optar entre uma ou outra habilitação, mas quando ingressei os estudantes terminavam a graduação com habilitação para magistério das séries iniciais e poderiam escolher somente mais uma habilitação, educação infantil, educação especial (somente para alunos do período diurno,

devido às aulas na Faculdade de Medicina serem de manhã) e administração ou supervisão escolar, portanto consegui completar todo o currículo – com exceção da educação especial – e sai com todas as habilitações.

Enquanto cursava as disciplinas ligadas à formação mais geral como sociologia, história da educação, psicologia, filosofia, sentia que meu sucesso ou não dependiam apenas de mim, dificilmente via o aprendizado relacionado com a prática de sala de aula que eu – uma das poucas de minha sala – ainda não possuía. A maioria de minhas colegas já havia feito magistério e já estavam inseridas no mercado de trabalho.

Sendo assim eu aproveitei muito para ampliar o meu olhar para o mundo, para a organização da sociedade e para os diferentes conceitos de educação discutidos que estas disciplinas introdutórias possibilitavam.

Quando começamos a trabalhar sobre os conteúdos de práticas de ensino e didática, comecei a perceber mais claramente o quanto a vivência de sala de aula, do ambiente escolar enquanto estudante de pedagogia e professora me faziam falta. Ouvia muitos relatos de minhas colegas que para mim tinham pouco ou nenhum sentido, assim minha ansiedade por começar logo a trabalhar como professora foi aumentando a cada dia.

As aulas de estágio supervisionado eram as únicas que faziam algum sentido, mas mesmo assim, eram tão poucos e superficiais os encontros que tinha na escola que estava estagiando, que ainda me sentia muito insegura.

Mais ou menos um ano antes de me formar, uma amiga me perguntou se eu gostaria de substituir uma professora que estava doente na escola dela. Era uma escola voltada para o atendimento educacional e clínico de crianças portadoras de necessidades especiais.

Senti um frio na espinha, mas encarei. Fiquei com uma turminha de 5 alunos adolescentes durante duas semanas e ao final deste período a pedagoga responsável pela escola me pediu que ficasse mais uma semana até que ela selecionasse uma professora habilitada em educação especial, já que a professora da turma não voltaria mais.

Aceitei de imediato, já que melhoraria minha renda e continuaria a exercer a profissão, algo que desejava há muito tempo. Acompanhei a movimentação diária de professoras em suas entrevistas, algumas até colegas de faculdade do período diurno.

No começo da quarta semana fui novamente chamada para conversar com a pedagoga da escola, acreditando agora que meu contrato seria finalizado, quando então fui surpreendida por um convite inesperado. Ela justificou que as crianças se adaptaram muito ao meu trabalho e que temia que uma nova professora chegasse para causar mais uma mudança na vida dos estudantes.

Desenvolvia com esses estudantes diferentes conhecimentos: atividades para alfabetização, compras no supermercado para as tarefas de arte culinária (fazíamos juntos na pequena cozinha da escola, semanalmente, alguns quitutes como bolo, pão de queijo, cachorro quente, etc.), projetos específicos de expressão artística, como peças teatrais, dança, música, atividades semanais no único computador disponível para os estudantes, como a elaboração de HQs e jornais, etc.

Fiquei nesta escola durante 2 anos e meio, de abril de 1997 a outubro de 1999. Durante algum tempo trabalhei no 156 das 7hs as 12h45 sem intervalo para almoço, ia a pé da prefeitura até a escola na Rua Tiradentes e lá ficava das 13hs às 17hs, caminhava até a Avenida Brasil e ia de ônibus direto para a Unicamp, onde as aulas se iniciavam às 19hs. Era uma loucura, tinha apenas os fins de semana para me dedicar aos estudos.

Levei esta vida durante dois meses, porque em junho de 1997 em uma negociação de demissão voluntária da prefeitura saí do 156. Com o dinheiro de 6 anos de rescisão e FGTS, pude então saldar algumas dívidas e comprar meu primeiro carro, o que facilitou minha ida para a faculdade.

Fora da escola e do 156, fiquei de novembro de 1999 a março de 2000, vendendo brinquedos pedagógicos de porta em porta, purificador de água e tudo mais que pudesse me proporcionar alguma renda.

Em março de 2000 trabalhava das 18hs às 24hs na Telesp celular (atual Vivo) como atendente e de agosto de 2000 em diante também trabalhava como auxiliar de classe no Colégio Progresso na Av. Julio de Mesquita em Campinas.

Como é possível perceber levei uma vida dupla durante muito tempo, sempre com um trabalho ligado a educação e outro que completasse a minha renda para que eu pudesse continuar ajudando em casa e manter meus gastos particulares.

A Escolinha Branca

Como a maioria dos profissionais que ingressaram no concurso de professores da prefeitura de Campinas em 2000, eu vinha de dois concursos anteriores que haviam sido cancelados. Foi uma decepção, prestava o concurso e ele era cancelado, isso aconteceu em 1998 e 1999, até que em 2000, prestei, passei e ingressei como professora do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Campinas, na Emef. Padre José Narciso Vieira Ehrenberg, onde estou até hoje.



Região dos Amarais

Rodovia Dom Pedro

Escolinha Branca (Emef. Padre José Narciso Vieira Ehrenberg – Jardim São Marcos)



É uma escola localizada na região norte da cidade de Campinas, no bairro Jardim São Marcos – Região dos Amarais.

A escola está inserida nesta comunidade há cerca de 30 anos e atende crianças de 1º. ano ao 5º. Ano (ciclos I e II) no período matutino, de 6º. ao 9º. ano (ciclos III e IV) no período vespertino e Educação de Jovens e Adultos no período noturno (EJA I e EJA II). São doze salas de aula em cada período.

A estrutura física da escola é muito boa. A clientela em sua maioria é formada por migrantes principalmente dos estados de Minas Gerais, Paraná e da região nordeste do país.

A região é conhecida na cidade pelo elevado índice de criminalidade e acesso facilitado ao tráfico e uso de drogas.

As pessoas que já se fixaram no bairro há muitos anos passaram por nossa escola e agora vêem seus filhos e netos percorrerem o mesmo caminho. No entanto, ainda é grande o movimento migratório nesta região.

Minha primeira turma na Escolinha Branca (apelido carinhoso dado a Emef. do Jardim São Marcos pela comunidade escolar), foi uma 1ª. Série que havia passado por quatro professoras diferentes. Eu cheguei à escola em novembro de 2000 e fui a quinta professora desta turma.

Como não me sentia preparada para enfrentar esta tarefa, já que como contei anteriormente minha formação acadêmica foi em grande parte desvinculada da prática, contava com a ajuda de professoras que estavam também com primeiras séries e tentava continuar os estudos através de cursos oferecidos pela prefeitura, por algumas aulas que fazia na Unicamp como ouvinte e participando de congressos, seminários e palestras sobre educação.

Muitas questões existiam em mim naquele momento: Quais atividades oferecer? Como me apresentar? Como elaborar a rotina da turma? Quem eram aquelas crianças? Quais eram suas necessidades? Serei uma boa professora?

Acredito que estas questões me acompanham até hoje a cada nova turma com a qual começo um trabalho. Certamente algumas delas nunca me deixarão, porque como educadora entendo que uma das principais características que carrego e devo carregar é me questionar sobre como posso melhorar cada vez mais o meu trabalho dentro da escola.

Quero destacar aqui a participação fundamental destas professoras de primeira série, Ana Cristina, Maria Tereza e Lourdinha. Elas me receberam de braços abertos e sem nenhum tipo de preconceito (como ouvia de outras professoras nas reuniões pedagógicas: “- Tadinha da menina, ela fez Unicamp, não tem experiência nenhuma e quer revolucionar a escola).

A Tereza tinha sua sala de aula colada a minha e lembro que com frequência ela aparecia a minha porta com um sorriso meigo e meio sem graça, para saber se estava tudo bem e se eu precisava de alguma coisa.

Já a Ana Cristina compartilhou comigo uma pasta que havia feito com atividades de alfabetização. Eram mais de 150 exemplos de atividades que tentavam dar conta do aprendizado de todas as letras do alfabeto, eu particularmente nem sabia o que fazer com aquilo.

Penso que para ajudar crianças a adquirir novos conhecimentos, não basta simplesmente ter uma atividade pronta nas mãos, é preciso saber se esta atividade é adequada para cada criança, o que ela aprenderá com ela (se é que aprenderá alguma coisa), como fazer a intervenção adequada para usar tal atividade.

Estes pensamentos não eram tão claros naquele momento para mim. Estou certa de que ao longo de minha trajetória profissional fui (des)construindo algumas idéias sobre educação, e sem dúvida alguma, a figura mais fundamental para essa minha auto-formação em serviço foi minha amiga Lourdinha.

Tivemos uma afinidade para o trabalho compartilhado que se mostrou efetivamente nos anos seguintes quando trabalhamos com duas turmas de 4^{as}. Séries.



Foto da turma de 4^a. Série de 2001.

Apreendi muito com ela.

Passava vários finais de semana em sua casa para pesquisarmos sobre temas que trabalhávamos com as turmas, elaborávamos avaliações conjuntamente, reorganizávamos as turmas para trabalhar determinado assunto. Certa vez para desenvolver uma discussão sobre sexualidade e para deixar as crianças mais a vontade para expor suas dúvidas, decidimos uma de nós ficarmos com os meninos e a outra com as meninas.

Muitas das possibilidades de reorganização do tempo e do espaço escolar que vivenciei, sem naquele momento saber que nome dar a isso, foi ao lado da minha amiga Lourdinha, que de 2002 a 2008, ocupou o cargo de orientadora pedagógica da Escolinha

Branca e da mesma forma sempre se fez fundamental na construção dos saberes de professora que vinha desenvolvendo em minha vida profissional.

Para construir estes saberes hoje percebo que a relação que estabelecia com minhas crianças sempre fez grande diferença em minha forma de atuar. Tentava dar voz aos seus desejos de conhecimento através das rodas de conversa que realizava com as turmas para que coletivamente construíssemos nosso planejamento.

Essas rodas eram usadas para falar sobre suas vidas, sobre os conflitos dentro da escola e sobre os conhecimentos que estávamos pesquisando. A partir destas conversas olhava mais atentamente para meu planejamento e buscava novas formas de ser professora. Segundo Freinet (1991, p.19):

“Se o aluno não tem sede de conhecimentos, nem qualquer apetite pelo trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido “enfiar-lhe” nos ouvidos as demonstrações mais eloqüentes. (...) Provocar a sede, mesmo que por meios indiretos. Restabelecer os circuitos. Suscitar um apelo interior para o alimento desejado. Então, os olhos se animam, as bocas se abrem, os músculos se agitam. Há aspiração e não atonia ou repulsão. As aquisições fazem-se agora sem intervenção anormal da sua parte...”.

Percebo que ao dar voz às crianças, na maioria das vezes, elas se sentem mais valorizadas e motivadas a participar do estudo e da pesquisa em sala de aula, ou fora dela. As crianças são naturalmente curiosas e tem muitos interesses distintos, querem aprender, querem saber, querem entender. Acredito que o mais difícil para mim, foi e ainda é, conciliar tantas dúvidas no período letivo de um ano, mas novamente a roda de conversa serve como um momento para que estes interesses possam ser articulados ou priorizados.

Fica claro que como professora muitas vezes não conseguia atender as necessidades e as dificuldades de todos, mas sempre usei o bom senso e a sinceridade, aprendidos com minha mãe, de que podemos conversar e tentar chegar a um ponto comum.

A cada ano que se iniciava, uma nova turma tinha que ser descoberta por mim. Não apenas por causa da série a qual me dedicava naquele momento, mas porque chegava a minhas mãos seres humanos totalmente diferentes, com ansios diferentes, medos diferentes, dificuldades diferentes, sonhos diferentes.

Sempre senti que os primeiros meses de aula com uma nova turma é um momento de conhecer a cada um pelo menos um pouquinho, de tentar construir com aquela nova turma, um grupo. Este conhecimento não tem como ficar restrito apenas aos saberes de sala de aula. Conhecer sua família, sua história de vida, as experiências escolares anteriores, etc., é

fundamental. Mas novamente o tempo e as diversas exigências que a escola faz do nosso trabalho, dificultam ainda mais essa aproximação.

Desde que entrei na Escolinha Branca sempre desenvolvi projetos na escola no período inverso ao que lecionava. Alguns deles dedicados a pesquisa outros não, portanto dentro de sala de aula com alunos de 1^a. à 4^a. Séries ou no período inverso com as turmas de 5^a. à 8^a. Séries busquei extrapolar as paredes da escola, sua organização espacial e temporal.

No entanto, ilude-se quem possa pensar que buscando estas alternativas o sucesso ou a realização profissional é mais garantida, mas isso de forma nenhuma me desanimou, sempre adorei trabalhar com projetos.

Me sentia envolvida e conhecendo a escola toda, minhas crianças em um período e seus irmãos, primos, colegas no período inverso, me ajudando inclusive a realizar a aproximação e o conhecimento que deseja fazer sobre suas vidas.

Em 2001 até o 1^o. semestre de 2002, trabalhei com o projeto “Saúde e Qualidade de Vida, desenvolvendo trabalhos na área de educação ambiental, reciclagem de materiais, confecção de brinquedos, produção teatral, etc., com alunos de 1^a. à 8^a. Séries, e contando com a parceria de uma professora de ciências, focamos nosso trabalho na melhoria do ambiente escolar.

Lembro-me com clareza que naquele momento lecionava no período da tarde com uma 4^a. Série (foto acima) e vinha para a escola de manhã para desenvolver o projeto com as turmas de 1^a. à 3^a. Séries.

Como naquele momento fazia um curso da prefeitura sobre o meio ambiente na escola, tinha acesso a materiais e apoio técnico para desenvolver diversas atividades. Ganhei algumas floreiras de cimento para colocar na escola.

A aparência e a estrutura física da Escolinha Branca eram então de entristecer a qualquer um. Paredes pixadas, vidros quebrados, tudo muito cinza e sujo. Passei algumas semanas pintando as floreiras com as turmas, cada turma ficaria responsável por cuidar de uma delas. Foi uma experiência maravilhosa, mesmo com as professoras das turmas receosas em deixar as crianças mexer com tinta, o resultado final foi fantástico.



Organizei então um mutirão de limpeza da escola e plantio das floreiras. Tinha a colaboração do Departamento de Parques e Jardins através do curso que fazia. Este departamento da Prefeitura, conhecido como DPJ, levou terra, mudas de plantas e pessoas que poderiam nos orientar no plantio. Familiares e estudantes da escola foram convidados. No sábado marcado para a atividade tudo estava organizado, fui a primeira a chegar à escola, mas tamanha foi a minha surpresa quando percebi que a diretora não viria e que a chave da sala onde as floreiras estavam guardadas havia sido levada por ela.

Tem uma música, que adoro, e ilustra bem este acontecimento em minha vida profissional...

Madeira que cupim não rói

Capiba

Do CD Madeira que Cupim Não rói – Na pancada do Ganzá 2

Antônio Nóbrega

*Madeira do Rosarinho
Vem à cidade sua fama mostrar
E traz com seu pessoal
Seu estandarte tão original
Não vem pra fazer barulho
É só dizer e com satisfação
Queiram ou não queiram os juízes
O nosso bloco é de fato campeão*

*E se aqui estamos cantando essa canção
Viemos defender a nossa tradição
E dizer bem alto que a injustiça dói
Nós somos madeira de lei que cupim não rói*

Logicamente não consegui falar por telefone com a diretora, liguei para uma das secretárias da escola e pedi sua chave emprestada. Esta por sua vez, relutante com medo de represarias, ficou insegura em me ajudar, mas mesmo assim acabou cedendo. Fui até a cada dela, peguei a chave, voltei à escola, realizamos nosso mutirão e terminamos aquele sábado muito felizes e realizados, apesar de todas as tentativas em contrário.



Este fato foi bem marcante em minha vida profissional, estava na escola a pouco menos de um ano. Em minha ilusão de “menina”, recém formada, acreditava que seria bom para a escola que todos se unissem para torná-la mais limpa, bonita, um lugar onde gostaríamos de estar. Não entendia muito bem naquele momento a postura da diretora, era ingênua mesmo.

Hoje percebo que tanto fatores internos ou externos a escola vem de encontro ao planejamento e a preocupação que podemos ter com relação à execução de nossos projetos. Não estamos sozinhos, precisamos de um coletivo dentro da escola que acredite no projeto ou que ao menos dê abertura para que outros possam realizá-lo.

É a professora que tem que dar abertura para trabalharmos com sua turma e dar continuidade ao trabalho em sala. É a direção da escola que deve apostar na proposta não a vendo como uma disputa de egos ou de quem é o melhor ou pior para a escola. É a Secretaria de Educação e a prefeitura desenvolvendo políticas públicas que facilitem o desenvolvimento

de uma escola de qualidade, garantindo tempo e espaço para formação dentro ou fora da rede, estrutura física e material para realização destes projetos.

Bem, nos anos seguintes, de 2002 a 2004, trabalhei como professora coordenadora do Projeto Biblioteca (projeto da prefeitura que tinha suas características alteradas de acordo com a necessidade de cada escola). Nesse momento continuava a lecionar no período inverso para diferentes turmas a cada ano...



Foto de 2002 - 4ª. Série.



Foto de 2003 - 1ª. Série.



Foto de 2004 - 2ª. Série.

Nos anos de 2003 a 2005, foram aqueles que vivi mais intensamente a tentativa de melhorar minha formação, buscando conhecimentos que me ajudassem a desenvolver com maior competência o trabalho com leitura em sala de aula e através do projeto que coordenava. Veja um trecho do meu currículo que ilustra bem esta tentativa...

PRÁTICAS DE LEITURA Secretaria Municipal de Educação (Campinas – São Paulo) Participante neste curso totalizando 33 horas.	2005
“LEITURA E BIBLIOTECAS” Secretaria Municipal de Educação (Campinas – São Paulo) <u>Coordenação do grupo de trabalho realizado com professoras da rede pública municipal de ensino de Campinas totalizando 36 horas.</u>	2004
BIBLIOTECA NAS ESCOLAS – Grupo de Trabalho de Leituras 2004 Secretaria Municipal de Educação (Campinas – São Paulo) <u>Exposição de trabalho no 1º. Festival de Leituras de Campinas com 8 horas.</u>	
CONTANDO CONTOS Secretaria Municipal de Educação (Campinas – São Paulo) Participante neste curso totalizando 72 horas.	2004
A ARTE DO BRINCANTE PARA EDUCADORES 2004 Teatro Escola Brincante e EMCEA (Campinas – São Paulo)	

Participante neste curso totalizando 128 horas.

14º. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL
2003

UNICAMP (Campinas – São Paulo)

Participante no III Seminário sobre Letramento e Alfabetização com 32 horas.

É possível perceber que busquei nesta minha formação em serviço não apenas participar como estudante, pois entendo que a aquisição do conhecimento passa também pelo compartilhar, trocar, experimentar novos papéis dentro da profissão, às vezes como participante, ou então expondo meus trabalhos e também coordenando os estudos de um grupo.

Em 2005, desenvolvi dentro da Escolinha Branca um projeto chamado Encantadores da História que elaborei com o objetivo de trabalhar com a memória (história da escola), a partir de pesquisa iconográfica e entrevistas com familiares, alunos e funcionários da escola.

Ao mesmo tempo participava como ouvinte de uma matéria da pós-graduação da Unicamp que tratava dos conceitos da história oral e freqüentava um grupo de pesquisa sobre memória, o GEMEC – ambos coordenados pela Prof^a. Dr^a. Olga Von Simson.

Estas atividades me deram subsídios para que o planejamento, a execução, a avaliação e o replanejamento do projeto na escola fossem desenvolvidos com maior clareza de objetivos e com mais embasamento de conhecimentos teóricos sobre o assunto.

Trabalhei neste projeto com dois grupos de crianças: a minha turma da manhã (foto abaixo) e com um grupo de crianças das 3^{as}. Séries, escolhidas pelas professoras, que vinha no período da tarde e era responsável pelo planejamento das atividades junto comigo.



Foto de 2005 - 2ª. Série.

Já em 2006, continuei com este projeto alterando o seu foco a pedido das professoras de 4ª. séries – com as quais trabalhei naquele momento – para focar o tema no primeiro semestre sobre a História das Copas do Mundo, e no segundo semestre, canalizando a pesquisa para as diferentes manifestações da cultura popular (cordel e artesanato).

Concomitante com o trabalho com as 4ªs. séries, no período da manhã lecionava para uma 2ª. série (foto abaixo) e com essa turma continuei o trabalho com memória, naquele momento, trabalhando o conceito de história oral sobre a vida de um morador do bairro que nos deu um relato histórico sobre as mudanças da nossa região.

Para ser um profissional da educação é preciso estar constantemente incomodado, jamais acreditar que encontrou todas as respostas para todas as perguntas e nunca confiar que a sua maneira de ensinar, de articular as várias formas de conhecer é a melhor ou a mais correta, caso contrário aqueles que mais perderão com isso serão as crianças.

No ano de 2006 tive a oportunidade de participar de um curso promovido pelo Museu da Pessoa, Instituto Algar e Instituto Avisa lá, chamado Histórias da Nossa Terra. De todas as professoras participantes, duas teriam as atividades desenvolvidas por professoras do museu filmadas em suas salas de aula. Em seguida, teríamos encontros presenciais para assistir, discutir, refletir sobre as atividades, para que posteriormente todas as professoras desenvolvessem as mesmas atividades com suas turmas.



Foto de 2006 - 2ª. Série. (foto e desenhos de atividade de auto-retrato realizado através do projeto Histórias da Nossa Terra)

Como fui uma das professoras que tiveram sua sala filmada, acredito que esta experiência tenha sido uma das quais mais permitiram que eu olhasse para minha própria prática com um olhar um pouco distanciado, como quem assiste a um filme. As reflexões que pude fazer, o olhar de outras pessoas para meu trabalho, a possibilidade de mudar algumas atitudes da professora que era, mudar algumas maneiras de desenvolver meu trabalho dentro do espaço escolar, foram fonte de motivação para meu exercício profissional e para o próprio envolvimento das crianças nas atividades propostas.

Dei continuidade ao trabalho com esta turminha em 2007.



Foto de 2007 - 3ª. Série

A partir do ano de 2007, a prefeitura de Campinas passou a limitar os gastos com projetos nas escolas vinculando a aprovação destes a Secretaria Municipal de Educação, a dificuldade e a morosidade em se aprovar projetos desmotivou e tem desmotivado muitos profissionais que antes acabavam por dedicar tempo integral a uma unidade escolar.

Isso foi o que aconteceu comigo, anteriormente os projetos desenvolvidos na escola eram avaliados ao fim de cada ano letivo pelo coletivo da comunidade escolar, se entendido como importante para o desenvolvimento das metas do plano pedagógico da escola era dada a proposta de continuidade para o ano seguinte.

Em 2007, havia mandado um novo projeto que elaborei em parceria com os professores de 5ªs. Séries, pensando em uma proposta de atividades interdisciplinares com foco na alfabetização e letramento dos meninos que apresentavam dificuldade de aprendizagem. Enviamos a proposta em março, mas sua aprovação chegou da Secretaria Municipal de Educação, em setembro.

Acabei não desenvolvendo este projeto, primeiro porque seriam apenas 3 meses de atividades quando havíamos planejado 6 meses e naquele momento já estava comprometida com outro trabalho, pois prestei concurso para professora substituta da Fumec e iniciaria na função em setembro.

A experiência com a educação de jovens e adultos mereceria um capítulo a parte nesta escrita, mas resumidamente o que posso revelar é que foi a melhor e a pior experiência que tive. Explico.

Enquanto substituta eu ficava disponível para atender todas as salas de Fumec da região norte de Campinas, cerca de 30 unidades de ensino. Sendo assim, geralmente eu apenas sabia para onde ir, com que turma trabalhar e como me organizar algumas horas antes de iniciadas as aulas. Essa rotina sem dúvida alguma desenvolveu em mim certa habilidade para o improviso. Preparei atividades diferenciadas para as turmas de primeiro a quarto ano da Fumec, comprei material básico como cola, tesoura, lápis preto, borracha, apontador, régua e lápis de cor (já que os armários das professoras com os materiais sempre ficavam trancados), solicitei a ajuda de amigas que já haviam trabalhado com jovens e adultos, portanto, com mais experiência do que eu, e fui a luta.

Apesar de todas as dificuldades, o que mais me dava prazer em trabalhar com estudantes mais velhos, era ver a vontade que tem em aprender, cansados do trabalho, muitas vezes sem se alimentar muito bem, contando com a merenda da escola, vinham, perguntavam, se envolviam nas discussões, às vezes resistiam um pouco a mudança na forma de trabalho da professora (sem giz e lousa), mas logo em seguida voltavam a se envolver.

Em uma destas turmas consegui ficar cerca de um mês, a professora titular passou por uma cirurgia e ficaria muito tempo de licença.

Por coincidência esta sala ficava na minha querida Escolinha Branca e alguns dos estudantes foram pais de crianças que passaram por minhas mãos ao longo dos anos que lá estou.



Turma da Fumec na Escolinha Branca – 2007 / (Peb II - 2ª. Série)

Trabalhar com este pessoal foi muito bom, porque pelo menos por um mês a turma “era minha” e poderia fazer um planejamento para ajudar em suas necessidades tão distintas. O vínculo que criei com este grupo foi muito forte apesar do pouco tempo, trabalhamos muito: atividades em grupo com material dourado, escrita coletiva de poesias, atividades sobre as dificuldades ortográficas, idas a biblioteca para escolher livros, uso do computador, etc.

Toda a dificuldade que tive em 2008 com os conflitos físicos, verbais e de personalidade com as crianças pequenas, não existiam com as turmas de Fumec.



Foto do 1º. Ano A - 2008

Pela primeira vez em 2008 trabalhei com uma turma de crianças tão pequenas. No início do ano a maioria deles havia acabado de completar 6 anos. As dificuldades de adaptação que enfrentei foram marcantes. Como articular as exigências da rede municipal de ensino em se alfabetizar em um ano todas as crianças e as necessidades lúdicas que apresentavam? A questão de adaptação da escola infantil para a escola fundamental também foi uma questão manifestada por vários pais, não apenas com relação ao espaço físico, mas principalmente sobre as rotinas de sala de aula e o relacionamento de afetividade que mantiveram com as professoras do infantil.

Durante mais ou menos todo o primeiro semestre as atividades e intervenções que planejei foram colocadas em prática com o objetivo de formar um grupo, de construir rotinas,

regras e de conhecer e identificar o conhecimento trazido por cada criança. As agressões físicas e verbais eram constantes, mas também os saltos na aprendizagem eram muito mais visíveis.

Neste percurso de um ano, os conflitos que vivi me fizeram questionar a continuidade com a turma. Fiquei com receio de ter causado alguns traumas nas crianças e em mim mesma. Muitas vezes me questioneei quanto a minha escolha profissional: - Acho que não sou boa professora?! É, não sei trabalhar com os pequenos?!

Sempre contando com a parceria de outra professora de primeiro ano, Mafê, amiga e companheira nos sonhos e angústias, demos continuidade ao trabalho com a mesma turma em 2009, pensando assim que eu teria uma nova oportunidade de mudar minha atuação em sala, de ter mais uma chance de olhar de forma diferenciada para cada criança e acima de tudo, de prosseguir com o trabalho de alfabetização e letramento iniciado durante o primeiro ano, já que não gostaria de ver novamente meu trabalho desqualificado por outros profissionais e muito menos ver minhas crianças serem “massacradas” (como ouvi uma professora dizer que faria em 2009 com uma turma nova de primeiro ano), por outra professora.

Nossa experiência foi tão marcante com nossos primeiros anos do Ciclo I, que ao final do ano letivo de 2008, resolvemos fazer uma escrita sobre o que vivemos como forma de um registro do trabalho com os pequenos.

Campinas, 12 de dezembro de 2008.

“A escola é um espaço de possibilidade especialmente por permitir a configuração de processos coletivos, fomentando o encontro com o outro. Para que este encontro seja produtivo deve ser mediador do encontro consigo. As crianças que sofrem duros golpes em seu cotidiano podem fazer desse encontro um movimento de compreensão das marcas de sua experiência. A escola, para acolher as crianças das classes populares, precisa constituir procedimentos pedagógicos adequados a elas, procedimentos que incorporem produtivamente suas experiências.”

Maria Teresa Esteban,
no texto ‘Nas dobras cotidianas, pistas da complexidade escolar.’

Achadouros

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas.

Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de

escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre *achadouros*.

Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa.

Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas.

Manoel de Barros, no livro *Memórias Inventadas – A infância*.

Como fazer do espaço da sala de aula lugar de diálogo sobre os ‘achados’ das crianças? Que ‘tesouros’ valorizamos no encontro com elas? Que outros tantos produzimos para que sejam carinhosa e respeitosamente guardados por meninos e meninas que chegam nos ensinando tanto no primeiro ano do ensino fundamental?

A expectativa em aprender a ‘ler e escrever’, dita das mais variadas formas e todos os dias por crianças diferentes, é permeada por outras necessidades, que não aparecem nos discursos escolarizados e aprendidos pelas crianças, mas que em seu corpo e desejo são fortes. Outras perguntas também diárias (e por vezes mais freqüentes) como: falta muito para o lanche? Hoje é dia de parque? A gente pode brincar com os brinquedos da caixa? Vamos dançar? Brinca comigo? Olha meu brinquedo? Mais uma folhinha? Que horas a gente vai embora?

Gestos como: abraços, puxões, caminhadas pela sala no encontro com colegas e borrachas pelo chão, beijos e tapas, pedidos de colo... O mosquitinho que chama atenção, o lápis que voa pelas mãos que o transforma em avião, a borracha que vira bonequinha, a bonequinha que ouve a história lida...

Quando a bonequinha ouve a história lida, a professora fica menos incomodada do que quando a bonequinha quer andar no ‘avião’ do colega!

Promover o diálogo entre expectativas e desejos de crianças, pais e as nossas, não é nada fácil!

O que priorizar?

Qual seria o eixo do trabalho?

Para além do trabalho com o ensino da linguagem escrita e da matemática, há outro que poderíamos chamar de ‘acolhida’ das crianças de 6 e 7 anos e constituição de um grupo.

Tornar a escola, tão esperada por eles e elas, como prazerosa e produtiva é um desafio diário, principalmente quando a alfabetização é um dos objetivos pedagógicos a serem alcançados.

Não podemos esquecer que alunos e alunas que chegam à nossa escola, vivenciam pouco práticas de leitura e escrita em seu cotidiano. O sentido da aprendizagem das letras fica restrito à expectativa criada pela sociedade e que as crianças trazem em seus discursos: “A escola é importante para aprender a ler e escrever”.

Ler e escrever para quê?

Das primeiras atividades em que todos se envolvem, o primeiro uso do caderno, os primeiros contatos com folhinhas xerocadas, com letras, crachás, vão se tornando parte da rotina e aos poucos se esvaziando de sentidos para algumas crianças.

Há os que de início se recusaram ao uso do lápis e do papel, um comia papel, outro virava a folha de atividade para desenhar, outro fazia aviãozinho... Outro ainda nem a

percebia: “Fulano! Cadê sua atividade?” e “Fulano sai pela sala em busca daquele que ‘a roubou’...”

Conciliar sentidos de escola e de produção escrita foi/é um desafio para nós, crianças e professoras que aprendemos juntos como se dá a apresentação deste novo mundo, de forma prazerosa, no 1º ano do ensino fundamental.

O Brincar e os temas para estudo escolhidos por nós orientaram os meios de estreitarmos relações com a escrita.

Abaixo, descreveremos as potencialidades, desafios e aprendizagens colhidas vividas durante ano de 2008.

Característica de faixa etária

Aprendemos que crianças aos 6 ou 7 anos falam muito! Muito mesmo! E fazem um barulho bem alto.

O tempo de concentração em atividades é curto e a necessidade de movimentação é constante.

Características que se não forem levadas em consideração no planejamento podem causar bastante dor de cabeça. Aprendemos isso, com muitas dores...de cabeça, no corpo...

A maneira como enfrentamos estes sons influencia e influenciou diretamente as crianças que terminam este ano de 2008, algumas sabendo que temos jeitos diferentes de falar em momentos diferentes, outras como chegaram estão e outras ainda tolhidas pela nossa falta de tempo e paciência em alguns momentos para ouvi-las.

Ler o texto indicado pela Lourdinha, apresentando algumas destas características foi um alerta. Mas a aprendizagem de como lidar com isso ainda se dá. Cordas vocais das professoras ainda sofrem. Nem sempre o auto-controle para não falar mais alto que o grupo funciona.

O ‘NÃO’ mais presente na vida das crianças: o espaço socializador como impositor de limites.

Um grupo grande de crianças vivenciou momentos de embate com os colegas e com as professoras diariamente.

A impressão de que a maior parte deles tinha ‘problema de audição’ era quase inevitável!

Muitos meninos e meninas manifestavam ‘surto’ quando contrariados. Outros simplesmente fingiam não ouvir o ‘não’ até cinco vezes, quando repetido pela professora.

Fatos que geraram desgaste na relação professora-aluno e potencializavam conflitos.

O tempo de convívio e a percepção desta ‘dificuldade’ em ouvir o que não quer, como característica de muitos a ser trabalhada vai fazendo com que tomemos este desafio como parte do trabalho, planejando momentos e atividades em que a necessidade de partilha de materiais ou idéias seja necessária.

Da necessidade de criação de um grupo

Para que se eduquem também pelas relações produzidas nos encontros diários, a constituição do grupo é fundamental. Sentir-se parte de uma turma, produzindo conhecimentos com a ajuda e participação de outros é confortante, alimenta a auto-estima, potencializa o auto-conhecimento e o acesso às informações que deixam de estar sob o controle único da professora.

É objetivo do trabalho pedagógico a que nos propomos a constituição de coletivos.

Construção de uma identidade de grupo é importante até para pensar...citar exemplos de ações para atingir os objetivos.

Apenas colocar as crianças sentadas em grupo não gera condições para que alcancemos estes objetivos. Não são todas as crianças que podem sentar-se inicialmente com todas. Mediar conflitos e planejar encontros onde as potencialidades sejam mais destacadas do que os limites de cada um não é fácil.

Um trabalho com uma maior diversidade de opções de materiais e atividades permite que isto ocorra de forma mais tranqüila, pois um menino que não conseguia escrever o nome no início do ano, era ótimo em montar castelos com blocos geométricos e sua dificuldade motora não se tornava o centro das atenções diariamente.

Entendemos, cada vez mais, que a atitude de ajudar o outro e receber ajuda em atividades escolares é aprendida. São muitas as intervenções para que não copiem, façam perguntas aos colegas, comparem resultados de atividades...

O tempo percorrido para que este grupo se forme e para que mudanças significativas sejam vistas é um outro tempo. Se com turmas de terceiro e quarto ano, levamos cerca de 2 a 3 meses para construir relações e combinados, com os pequenos isso acontece, mas de forma mais lenta.

Da necessidade de brincar

A brincadeira ensina a compartilhar materiais e estar junto em uma mesma atividade.

Durante o recreio somos chamadas a intervir para resolver um conflito e ao perguntarmos às crianças o que está acontecendo ouvimos histórias completamente diferentes. Por vezes em um grupinho com quatro crianças temos uma brincando de pega-pega, outra de polícia e ladrão, outra querendo 'revidar' um puxão que levou na camiseta, e ainda outra 'perdidona', correndo loucamente em meio aos outros pelo puro prazer de correr: todos juntos, entendendo que estavam 'brincando da mesma brincadeira'.

Aprender a brincar junto, criar um repertório de brincadeiras novas ou não...

Para além do que este convívio e partilha de saberes produzidos pelas crianças pode gerar, há a necessidade de brincar. O brincar é forma de expressão, como o desenho, a escrita ou a fala. Brincar faz parte do SER CRIANÇA. Por isso o 'pó da borrachinha' vira fada, o lápis, avião, com uma força e presença que, se decidirmos ignorar, teremos mais problemas postos e gerados do que dialogando com este jeito de ser dos pequenos e pequenas. Mais do que questão da 'saúde mental da professora', é questão de respeito ao modo de ser dos meninos e meninas.

Daí o desafio de não só contemplar o 'lúdico' nas atividades escolarizadas, mas de olhar para as brincadeiras e entender que tem algo importante a dizer sobre o jeito de ser de cada um.

O que é estudar?

No diálogo com as expectativas e desejos das crianças há o planejamento de atividades que conciliam práticas de leitura e raciocínio lógico com as brincadeiras que costumam brincar juntos. Por exemplo, um jogo de figurinhas a ser montado, colando figuras sobre palavras. O próprio jogo, que pode gerar pontos a serem registrados e calculados. Brincadeiras de montar casinhas com materiais dourados, gerando comparações entre tamanhos e quantidades...

Há também a aprendizagem do que pode ser o estudo, como prática de pesquisa e investigação. Podemos organizar nosso trabalho por meio das perguntas que temos. Isso as crianças aprendem, perguntando, e organizando junto com a professora suas perguntas. Assim, atividades que fazem uso de fontes de pesquisa (como a Internet ou livros), que tem por objetivo o reconhecimento das palavras mais usadas nos textos sobre o que trabalhamos, leitura de outros trazidos pela professora, ou mesmo a escrita coletiva daquilo que aprendemos sobre uma pergunta trazida por um colega, são práticas de leitura tomadas de

diferentes formas, com diferentes objetivos, que vão sendo incorporadas pelas crianças e que dão muito mais sentido ao aprendizado porque partiram de perguntas feitas por elas.

Percebemos estas aprendizagens quando um aluno toma suas economias para comprar uma ave, como aconteceu com o Gabriel, que é centro de estudos do grupo, ou quando livros e textos vão chegando de casa com informações sobre o tema pesquisado. Quantas vezes... (sem a professora solicitar!).

Práticas de leitura e de escrita

É mais fácil falar das práticas de leitura do que as de escrita. Por quê? A leitura, esteve mais presente, por ser fonte de informação e prazer diário.

A escrita, além de ser tomada em sala de aula de forma escolarizada, ou seja como atividade, parte da rotina e poucas vezes como registro realmente necessário (como um texto coletivo – em que não há necessidade de todos copiarem, ou a escrita de bilhetes, convites cartazes, cartas) vai se configurando como o desafio. ‘Aquilo que deve ser aprendido’.

Este movimento de colocarmos a leitura mais presente no cotidiano das crianças não é só das professoras dos ciclos iniciais, mas de toda a escola. A dificuldade em pensar projetos que coloquem a escrita como centro das atenções diárias é também desafio para toda a escola.

As práticas de leitura geram resultados bons. O prazer em ouvir e ler é notório entre as crianças. A ida a biblioteca, esperada e comemorada!

Que práticas de escrita (mais individual), que tenham sentido, podemos fomentar com estes pequenos e pequenas?

Percebemos que em momentos onde a frequência de um tipo de atividade (no geral de leitura) foi mais acentuada as crianças deram mais saltos em sua hipóteses de escrita

No início do ano, atividades como classificação coletiva de objetos em nosso alfabeto de ‘sacos plásticos’ e leitura diária de crachás com seus nomes, deram bons retornos. Ali o valor sonoro de nossa escrita foi se consolidando e algumas palavras foram tornando-se referência e apoio para as crianças no momento da escrita.

No segundo semestre outras atividades, mais colocadas em suportes como folhas xerocadas e jogos produzidos por eles e elas também foram importantes. Crianças chegaram a verbalizar descobertas sobre a língua.

A construção da rotina - conjugação de tempos das crianças e da escola.

Começamos 2008 com pedidos constantes das crianças para utilizarmos o espaço do parque. Ainda com a rotina da creche presente em suas vidas, chegaram a escola fundamental entendendo que o espaço de brincar é formado por escorregador, gangorra e gira-gira.

Construir com as crianças uma rotina de aprendizado que articulasse os tempos próprios da infância, as exigências escolares e a utilização adequada de seus espaços, não foi uma tarefa fácil.

Ao mesmo tempo em que nos sentimos culpadas por tolher suas necessidades infantis, nos vemos obrigadas a estabelecer uma rotina conjuntamente com eles, que davam oportunidade de brincarem de outras maneiras, em outros espaços, valorizando seu aprendizado anterior e disponibilizando situações de novas aprendizagens.

Chegamos ao fim deste ano e os pedidos que ouvimos agora nos mostram que outras necessidades foram estabelecidas, outros tempos e espaços de brincar e aprender já fazem parte de cada um de nós: “vamos na biblioteca?”, “hoje é o dia do brinquedo?”, “Pro, você não vai dar lição hoje?”, “Nós vamos na informática?”, ...

Importância da construção da rotina semanal e diária para a questão da segurança afetiva, construção da noção de tempo...

Semelhanças e diferenças

São crianças com 6 anos de idade, chegando ao 1. ano pela primeira vez. A escola imaginada por todos é aquela em que todos devem se comportar, todos devem aprender a ler e escrever ao final do 1. ano, todos devem ficar sentados em suas carteiras, fazendo a mesma lição, para aprenderem as mesmas coisas.

A escola real é aquela em que cada um traz um aprendizado diferente a partir da família na qual vive e do que foi aprendido em suas experiências anteriores. Suas vontades também são diferentes, aquilo que mais gostam ou aquilo que desejam fazer e aprender na escola também.

O que fazer?

Rodas de conversa para ouvir suas necessidades, mas além disso, para que cada um tenha a sua fala e que essa fala possa ser valorizada pela professora e pelo grupo. O que aprendemos? A opinião de todos é importante.

Fazer um desenho, escrever um texto, aprender a regra de um jogo, conseguir fazer uma folhinha, copiar o alfabeto e os números da lousa, ler um gibi, um livro ou uma palavra, ...atividades diferentes que cada criança vai realizar de acordo com sua capacidade e é importante perceber que naquilo que sou bom, posso ajudar meu colega, naquilo que tenho dificuldades posso receber ajuda de alguém. A professora tem que estar atenta a cada potencialidade que pode ajudar ao grupo, o Gabriel já sabe ler, o David desenha muito bem, o Luiz é ótimo com os números, o Paulo César sabe fazer perguntas, o João consegue organizar as atividades nos grupos, o Pedro dança como ninguém, a Maria está sempre de bom humor e tem paciência com todos.

Todos tem a ensinar, a aprender, a compartilhar. E como aprendemos neste ano.

Palavras recolhidas

"Por isso é que agora vou assim no meu caminho. Publicamente andando. Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar. Aprendi (o que o caminho me ensinou) a caminhar cantando como convém a mim e aos que vão comigo. Pois já não vou mais sozinho".

(Thiago de Mello – A vida verdadeira, 1983)

Infância feliz, primeiras palavras recolhidas. Pude ser uma criança plena e as dificuldades financeiras não limitaram as minhas realizações infantis. Pelo contrário, o valor que minha mãe sempre deu a educação e as possibilidades de viajar, ir a um teatro, explorar toda e qualquer boa experiência, me deu a chance de começar um percurso pelo qual fui reconhecendo o valor do conhecimento e da vida.

Sua leitura constante ao lado de minha cama, a liberdade de estar com outras pessoas da família que podiam me proporcionar passeios, diversão, aprendizados, enquanto ela mesma não poderia estar comigo, o incentivo aos estudos e a ajuda nas lições quando possível.

O bom senso de minha mãe nunca me forçou a escolher seus caminhos, mas a ter a liberdade de procurar pelo meu e sempre aquele no qual estaria mais feliz. O importante sempre foi estudar, o que seria, se médica, advogada ou professora, a escolha seria apenas e tão somente minha. Como tão sabiamente disse Freinet (1991, p.16):

"E as crianças – diria o pastor – são como as ovelhas: querem subir sempre. Você só terá paz e certeza se souber ajudá-las, às vezes precedê-las nas subidas dos cumes, ou segui-las... Infelizes dos seres domesticados cedo demais, que perderam o sentido da subida e que, como velhos em fim de corrida, preferem ao ar do espaço e ao azul do céu, a coleira da sujeição e a ração da renúncia! São bons todos os caminhos que levam para as alturas".

Olhando para a infância de minhas crianças na realidade do Jardim São Marcos, percebo que as necessidades materiais existem muito mais nitidamente do que existiam em minha infância, mas sinto muito mais uma carência afetiva do que material na vida delas.

As mães de minhas crianças geralmente trabalham fora, apresentam conflitos familiares marcantes e muitas vezes não contam com o apoio de outros membros da família para dar conta de todas estas questões.

Eu, enquanto professora, acabo sentindo em sala de aula os reflexos dessas necessidades e devo considerá-los constantemente no momento de olhar para o aprendizado

de minhas crianças e a maneira de planejar e organizar o conhecimento que trabalharemos em sala de aula.

Não é possível apenas concentrar esforços na alfabetização e no letramento, ou apenas na discussão de conteúdos de ensino, tanto a escola, como a professora devem se transformar para atender a realidade que esta posta atualmente. Há muito tempo Freinet (1998, p.163), já anunciava esta necessidade de mudança:

“Não deveriam os pais, os educadores e os administradores atinar que a escola, em meados do século XX, não pode ser, nem em sua organização material, nem em seus métodos de trabalho, nem em seu clima, o que foi há somente cinquenta ou sessenta anos? O meio se modificou; temos outras obrigações, uma experiência infelizmente dolorosa, mas também possibilidades virtualmente incomparáveis. A adaptação é uma das grandes leis da vida: a escola não poderia se esquivar dela sem faltar com sua própria razão de ser.”

Parceria, outra palavra recolhida. Os nove anos vividos na Escolinha Branca foram marcados pela possibilidade do trabalho em conjunto com outros profissionais que assim como eu, buscavam novas formas de olhar para as crianças e para a escola.

Embora muitas vezes tenha ouvido de colegas de escola e de estudo que o trabalho em sala de aula é um trabalho solitário, tive a honra, o prazer e a oportunidade de experimentar nesse percurso, o aprendizado e a construção de uma parceria com a Lourdinha e a Mafê.

Poder contar com olhar de mais duas pessoas para o aprendizado das crianças, para a organização da sala, para a elaboração das atividades foi significativo para minha formação enquanto professora e sem dúvida faz diferença no trabalho com as crianças. Porque quando estou inserida ativamente dentro de um contexto, certamente nem todas as possibilidades são encontradas e aproveitadas, ou a maneira de realizar o trabalho pode surtir mais efeito quando posso contar com outros pontos de vista.

Além disso, mantemos nesse tempo um apoio mútuo quando chegavam os momentos de incerteza e conflito. Um abraço amigo, uma palavra carinhosa, um olhar de cumplicidade certamente faz toda diferença.

Aprender fazendo, no caso, duas palavras recolhidas. As crianças que estiveram comigo nestes anos muito me ensinaram. Cada novo percurso exigiu de mim como professora e das próprias crianças um certo tempo de aprendizado.

Saber a hora de falar na roda, saber ouvir o que outros dizem, saber o momento de terminar a roda, saber que crianças pequenas cansam mais rápido, saber trabalhar em grupo, saber como formar grupos, saber fazer atividades em duplas, saber usar a sala de informática, saber usar as tecnologias disponíveis na escola, saber pesquisar, saber avaliar para replanejar.

Estes saberes não nascem em uma professora por si só, nem tão pouco os conhecimentos acadêmicos dão conta de nos formar para a realidade encontrada nas escolas públicas da cidade. Há que se aprender fazendo.

Tantos são os saberes aprendidos para e com cada grupo de crianças na Escolinha Branca. As diferentes características de acordo com a faixa etária influenciaram os aprendizados dos anos seguintes, estar com uma turminha de 4^a. Série e no ano seguinte enfrentar as particularidades de crianças de 6 anos, exigiu desta professora um aprendizado constante, dentro e fora da sala de aula.

Conhecimento, assim posso recolher mais uma palavra. A necessidade de buscar teorias e experiências que ajudassem a responder muitas de minhas dúvidas e a vivência dos saberes cotidianos da professora, fizeram me perceber também como produtora de um conhecimento que precisa ser estudado e olhado constantemente.

Refletir sobre a prática, os acertos e os desafios da rotina escolar se tornou uma constante em minha formação de professora. Não é possível ficar sem estudar, conhecer e buscar, é preciso sempre encontrar novas possibilidades do exercício do ser professora.

Reorganizar, palavra chave recolhida neste momento. A necessidade de trabalhar com ciclo e reorganizar o tempo e o espaço, me fez pensar sobre o sentimento de impotência perante o tempo escolar que acaba por fragmentar o conhecimento e conseqüentemente, as próprias crianças.

Todos os conhecimentos que devem ser desenvolvidos no período letivo de um ano, todas as cobranças feita pela instituição escolar, pelas famílias e por mim mesma, me levaram a valorizar a continuidade do tempo com uma mesma turma para além de 200 dias.

Neste sentido, apenas ampliar o tempo não seria significativo se o espaço também não fosse reorganizado. Segundo Galvão (1995, p.101):

“Em termos práticos, isso significa que o planejamento das atividades escolares não deve se restringir somente à seleção de seus temas, isto é, do conteúdo de ensino, mas necessita atingir as várias dimensões que compõem o meio. Deve incluir uma reflexão acerca do espaço em que será realizada a atividade, decidindo sobre aspectos como a área ocupada, os materiais utilizados, os objetos colocados ao alcance das crianças, a disposição do mobiliário, etc.”

Passei a utilizar sistematicamente todos os espaços da escola como forma de ampliar a possibilidade de acesso ao conhecimento disponível no ambiente escolar e a reorganizá-lo de maneira mais cuidadosa dentro da sala de aula.

Tabela de horários do 2º. Ano A – Professora Simone - 2009

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
	LEITURA DIÁRIA	LEITURA DIÁRIA	LEITURA DIÁRIA	LEITURA DIÁRIA	BIBLIOTECA
7H ÀS 8h55	GRUPOS DIVERSIFICADO ESCRITA	DUPLAS - MAT	INDIVIDUAL ESCRITA	DUPLAS NA SALA DE INFORMÁTICA	LEITURA DIÁRIA GRUPOS DIVERSIFICADO MATEMÁTICA
8h55 ÀS 9h25	LANCHE HIGIENE PESSOAL	LANCHE HIGIENE PESSOAL	LANCHE HIGIENE PESSOAL	LANCHE HIGIENE PESSOAL	LANCHE HIGIENE PESSOAL
9H15 ÀS 10H00	REGISTRO NO CADERNO - ROTINA	EDUCAÇÃO FÍSICA PROFª REINIRA	EDUCAÇÃO FÍSICA PROFª REINIRA	REGISTRO NO CADERNO - ROTINA	REGISTRO NO CADERNO - ROTINA
10H10 ÀS 11HS	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA PROFª CECÍLIA	REGISTRO NO CADERNO - ROTINA BIBLIOTECA DE SALA – CAIXA DE GIBIS	REGISTRO NO CADERNO - ROTINA RODA DE LEITURA	JOGOS PEDAGÓGICOS EM GRUPOS	BRINQUEDOS TRAZIDOS DE CASA

Logicamente este tipo de organização não dá conta de todas as necessidades de cada criança e dos desafios que se colocam esporadicamente além dos já considerados durante o planejamento de cada semana, mas acaba servindo como uma base de orientação das atividades e organizações mínimas que me proponho a realizar, replanejar e reavaliar cotidianamente.

Assim como ensinar exige a consciência do inacabamento, recolher as palavras nas ruínas de minha biblioteca também. As palavras recolhidas aqui são apenas o início do que vivi e ainda vivo enquanto professora, apenas uma parte do que – durante a escrita de minhas narrativas – resaltei como marcantes em minha formação.

Acredito que muitos infantes, parcerias, aprendizagens, conhecimentos e reorganizações, estão por vir. Como escreveu Paulo Freire (1996, p.55): *“Na verdade o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”*.

Palavras Consultadas

Referências bibliográficas

FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. – (Educação e conhecimento).

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MELLO, Thiago de. Vida verdadeira. In: **Faz escuro mas eu canto**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1983.

PINO, A. (mimeo) **Afetividade e vida de relação**. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.